
A SÁTIRA DE SAMUEL BUTLER COMO DEBATE CULTURAL- ABORDAGEM CRÍTICA A EREWHON

MARGARIDA RENDEIRO

RESUMO

Este artigo explora a narrativa *Erewhon*, publicada em 1872, visando integrar o seu autor, Samuel Butler, no debate cultural inglês da segunda metade do século XIX, que continua determinadas temáticas iniciadas por outros pensadores na primeira metade do século. Esta abordagem é desenvolvida a dois níveis: por um lado, relacionando-a com a moralidade da classe média vigente da época, contra a qual se erguiam vozes críticas, entre elas Samuel Butler, e com a crise que a religião atravessava nessa altura, em parte agravada com a publicação, em 1859, de *The Origin of the Species*, de Darwin; por outro lado, procurar-se-á sugerir relações entre o pensamento crítico de Thomas Carlyle e o de Samuel Butler na crítica que ambos fazem à sociedade vitoriana do seu tempo.

ABSTRACT

The present article explores *Erewhon*, published in 1872, with the aim of integrating its author, Samuel Butler, in the framework of English cultural debate during the second half of the nineteenth century, which continues some issues begun by other thinkers of the first half of that century. This approach is developed in two levels: on the one hand, relating the narrative to the morality of the prevailing English middle class, against whom some voices roared, Samuel Butler included, and with the religious crisis, aggravated by the publication of *The Origin of Species* in 1859, by Darwin. On the other hand, connections between Thomas Carlyle's critical thoughts and Samuel Butler's will be suggested, namely regarding the criticism to the Victorian society.

"Let's pretend the glass has got all soft like gauze, so that we can get through it. Why, it's turning into a sort of mist, now."

Lewis Carroll. *Through the Looking Glass*.

Tal como Alice que, através de um jogo de faz-de-conta, decide transpor o espelho da sala e aventurar-se através de um mundo invertido cujas regras se cumprem ao contrário, também o narrador de *Erewhon* atravessa uma fronteira que poderia muito bem funcionar como a imagem invertida de um espelho. A confirmá-lo fica a palavra *Erewhon*, nome de um país longínquo,

A SÁTIRA DE SAMUEL BUTLER COMO DEBATE ...

localizado em parte incerta, que não é mais do que *Nowhere* invertido. Chegar a *Erewhon* é tarefa árdua, marcada por obstáculos sucessivos: por um lado, as montanhas que o rodeiam e o curso do rio que segue até lá; por outro lado, as tradições nativas que existem na ilha e que o marcam como um país misterioso, um tabu, exemplificadas na atitude aterrorizada do aborígene Chowbok que se recusa a guiar o viajante inglês Higgs, sujeito de enunciação, através das montanhas até *Erewhon*.

60 Um leitor contemporâneo de Butler poderia facilmente reconhecer em *Erewhon* os reflexos das atitudes mais características da classe média vitoriana. Controlando o capital financeiro do mercado, ela manipulava igualmente a opinião pública, aquele mecanismo que, na primeira metade do século XIX, era entendido por Carlyle como algo perigoso, dado que cerceava os impulsos naturais do indivíduo, automatizando e amalgamando-o ao coletivo social. O indivíduo era ou não *in-group*, consoante seguisse os padrões de comportamento que passavam por uma conduta respeitável. A noção de respeitabilidade (*'respectability'*) inclui o cumprimento das regras da sobriedade, presteza, boas maneiras, honestidade, castidade e higiene. Além disso, o comportamento define-se fundamentalmente em duas palavras muito características na sociedade vitoriana: *'seriousness'* e *'earnestness'*, ou seja, a intolerância para com as frivolidades e o zelo na vida pessoal e profissional, numa época em que se valorizava o mérito. Sente-se subjacente a estes padrões a influência do movimento evangélico, responsável pela formação ético-moral da classe média. A religião evangelista professa a vida como preparação para a salvação eterna, alcançada através de uma conduta quotidiana. Lendo a Bíblia com fé e trabalhando arduamente, o Homem conquista o conforto físico, material e espiritual. Assim, a pobreza, numa perspectiva evangélica, é a consequência da preguiça. É através do trabalho que a moral evangélica pretende solucionar males como a desigualdade social.

As constantes comparações entre *Erewhon*, o país ficcional, e Inglaterra, o país real, tornam a sátira numa prática inevitável. Repetem-se ao longo da obra comentários como *'so it is with most of us'* ou *'yet we do something not so very different from this even in England'*, forçando a conclusão de que, afinal, as idiosincrasias Erewhonianas não são insólitas e que a sociedade inglesa sofre de um mal que lhe está intrínseco. Condena-se, através do riso, uma sociedade cujos valores são professados apenas num plano exterior das aparências. Um dos exemplos característicos desta sátira à hipocrisia da época é o comentário breve no capítulo *'Views concerning Death'*; Em vez das cartas de condolências usadas em Inglaterra, os Erewhonianos enviam caixas de lágrimas artificiais que são usadas pelos chorosos em público. As lágrimas variam em número consoante o grau de intimidade. Na justaposição dos dois planos, institui-se a censura de Butler.

Numa análise sobre a visão de Samuel Butler face à moral da classe média, referir-me-ei com especial relevo aos capítulos "*Current Opinions*", "*Malcontents*", "*The Musical Banks*", "*Ydgrun and the Ydgrunites*" e "*What They mean by It*". *Erewhon* é um país em que o comportamento ético-moral parece ser julgado bizarramente. O rigor da etiqueta e o respeito pelos valores morais não admitem quaisquer deslizes ou comportamentos alternativos ou paralelos, o que torna a posição dos que propõem reformas, nada confortável, como se constata em '*Malcontents*'. Os radicais são geralmente odiados e acusados de subverter a moral convencional:

(...) it is a hard thing to initiate any reform, and it was necessary to familiarize the public mind with the principle, by inserting the thin end of the wedge first (Butler, 1872: 123)

Os habitantes avaliam a moral vigente em termos de saúde mental, cuidadosamente preservada.

(...) on the whole they use much of the same reserve or unreserve about the state of their moral warfare as we do about our health.

Hence all the ordinary greetings among ourselves are considered signs of gross ill-breeding; nor do the politer classes tolerate even such a common complimentary remark as telling a man that he is looking well.

(Butler, 1872: 105)

Aliás, ela é o centro em torno do qual gira a vida deste país e, conseqüentemente, a doença é um crime punido severamente com sentenças que vão dos seis meses de prisão, indemnizações avultadas, até à prisão perpétua:

You have led a career of crime, and have only profited by the leniency shown you upon past occasions, to offend yet more seriously against the laws and institutions of your country. (Butler, 1872:115)

Nesta sociedade, a prática dos médicos é socialmente condenada e forçada a agir na clandestinidade, já que tratar uma doença significa fugir às malhas da lei. Por outro lado, o crime é visto como uma doença, tratada por homens particularmente dotados para o efeito. É o caso do Senhor Nosnibor, o anfitrião do narrador, que tem de se submeter a inúmeras sessões com o seu '*family straightener*', devido a um momento de fraqueza na sua vida em que desviou dinheiro da empresa em que trabalha. O papel dos '*family straightener*' é muito relevante nesta sociedade, na medida em que são homens versados em assuntos espirituais ('*trained in the soul-craft*'), e que merecem o respeito e veneração do povo de *Erewhon*.

Por outro lado, a igreja é comparada a um sistema bancário utilizado por todos, por tradição e dever, mas cuja utilidade prática se revela nula, denotando, num

plano real, a crise religiosa que Inglaterra atravessa. Centro de devoção localizado na praça da metrópole, dita o padrão da respeitabilidade no sentido em que todos procuram frequentá-lo mais ou menos regularmente para que a sua conduta não seja publicamente comentada. A hipocrisia reside no facto de as visitas não corresponderem a uma convicção espiritual, mas um acto público que convém que seja notado. Dado que o valor comercial deste sistema é insignificante – o que realmente move Erewthon é o dinheiro – os ‘*musical banks*’ são mais frequentados por mulheres que asseguram um ambiente familiar irrepreensível, enquanto que os homens vão as vezes estritamente necessárias, uma vez que têm sob sua responsabilidade os negócios que movimentam um sistema comercial útil:

The ladies generally went alone; as indeed was the case in most families, except on state occasions. (...) they carried their purses in their hands, not exactly ostentatiously, yet so as that those who met them should see whither they were going. (Butler, 1872: 138)

Realça-se o facto de a moralidade Erewthoniana – e, por implicação satírica, a inglesa – se encontrar estagnada. Fundamenta-se numa tradição que nunca é renovada, numa adesão cega aos costumes e a atitude reflecte igualmente a motivação financeira. Estamos perante uma sociedade automatizada e sem alma; sem a chama viva que Carlyle afirmava não ver também em 1829. Cuidam-se das fachadas das igrejas enquanto que a fé religiosa é descurada. Em 1872, Butler faz o eco desta censura:

(...) but few from a genuine belief that the Musical Banks could save them from financial ruin, if they were unable to meet their engagements in the other kind of currency. (...) now they had put fresh stained glass windows into all the banks in the country, and repaired the buildings, and enlarged the organs. (Butler, 1972: 142-143)

As obras feitas a estes bancos de devoção e a série de conversas delicadas que os seus presidentes fazem aos transeuntes contrastam com os interiores vazios dos ‘*musical banks*’. Paralelamente, o rosto do indivíduo espelha a sua vida interior estagnada:

A man's expression is his sacrament; it is the outward and visible sign of his inward and spiritual grace, or want of grace; and as I looked at the majority of these people, I could not help feeling that there must be a something in their lives which had stunted their natural development (Butler, 1872: 144)

Certamente, Thomas Carlyle teria respondido a Samuel Butler que o que paralizara a fé humana fora a adoração profana pelos avanços industriais. Mas o comentário do narrador de *Erewthon* não está longe das recriminações de Carlyle. Entre os anos 30 e 50, a tecnologia e a indústria tinha conhecido numerosos avanços exibidos em 1851, na Grande Exposição. O optimismo

provocado pelas vantagens do industrialismo, pela estabilidade política conquistada pela Rainha Vitória, e pela posição confortável que a classe média desfrutava gerara simultaneamente uma confortável complacência e uma revolta daqueles que não se conformavam com a paralisia assustadora de uma moralidade padrão. Carlyle e Butler são duas vozes do inconformismo da primeira e segunda metade do século, respectivamente, um avisando contra os perigos que assolam a sociedade, o outro contra as consequências de um mal já instalado. Não são os únicos nomes. Em 1867, pouco antes da publicação de *Erewhon*, Mathew Arnold publica um ensaio intitulado "*Culture and Anarchy*". Nele tece considerações sobre as três classes sociais dominantes, referindo-se à classe média como '*philistines*', em cujos traços característicos se inclui a resistência a um aperfeiçoamento do espírito. Ao longo do século, ensaístas e escritores acentuam sistematicamente os males instalados na elitista classe média. Curiosamente, Butler insinua em *Erewhon* que as classes menos favorecidas acabam por lucrar com o facto de nem serem abastadas nem de pertencerem à classe média. Consequentemente, não estando sufocadas pela moralidade padrão, têm mais possibilidades de evoluírem:

I am sure that much harm was done to the children of the sub-wealthy classes, by the system which passes current among the Erewhonians as education. The poorest children suffered least – if destruction and death have heard the sound of wisdom, to a certain extent poverty has done so also. (Butler, 1872: 192)

O que insufla de vida a sociedade, como já foi mencionado, são as transações comerciais. Este é o verdadeiro credo, simbolizado na obra com a idolatria pela deusa Ydgrun. Os seus fiéis seguidores, os Ydgrunitas, são, uma vez mais, a classe média orientada pela convencionalidade e pelo dinheiro. O espírito de Mammon é omnipresente e omnipotente em todas as vidas dos habitantes de *Erewhon*. Entre os adoradores, existe uma elite, os '*High Ydgrunites*', que reúne todas as qualidades que permitem definir, na sociedade inglesa, um '*gentleman*'.

They were most like the best class of Englishmen that any whom I have seen in other countries (...) the example of a real gentleman is, if I may say so without profanity, the best of all gospels; such a man (...) becomes a potent humanising influence, an ideal which all may look upon for a shilling. (Butler, 1872: 158)

É uma sátira muito directa à elite inglesa cuja moralidade enraizada no Evangelismo se reveste de convencionalidades. Tem uma visão pessimista do Homem, sujeito ao castigo eterno se não trabalhar e se empenhar na economia nacional. Sob o ponto de vista económico, imperava o Liberalismo que responsabilizava o Estado pelo bem-estar social e a segurança dos seus cidadãos. É um tipo de mentalidade que tivera o seu início na primeira metade do século XIX e fizera pressão para que se promulgasse a '*Reform*

Bill em 1832, apoiando o comércio livre e a competitividade sem restrições. O Liberalismo político-económico assentava sobre a classe média que engrandecia progressivamente. O dinheiro era, como se diz em *Erewhon*, "the symbol of duty, it is the sacrament of having done for mankind that which mankind wanted." (Butler, 1872: 179)

64

Na altura em que Samuel Butler publica esta obra, Inglaterra abeirava-se de uma crise económica. As classes altas têm de lutar muito para manter o mesmo nível de vida, o que já não acontece com as classes baixas que sempre viveram com dificuldades. O esforço da 'gentry' para manter e educar os seus filhos de acordo com as aparências e posturas de 'gentlemen', sobrevaloriza as convenções e os hábitos elitistas. Ressalta em *Erewhon* a noção de que a convencionalidade não deve ser abolida, mas assumida como tal, ou seja, pertence à vida social e é parte do quotidiano. Aliás, todas as personagens não escondem os seus interesses financeiros – é também movido pela ambição de ganhar dinheiro rapidamente que o narrador conhece *Erewhon*. Assim, o narrador, denunciando a posição do autor nascido no seio de uma família de classe média, não repudia inteiramente o que observa em *Erewhon*. Concorde até com diversas atitudes e concepções como a manutenção de classes sociais com capacidades e aspectos distintos:

Indeed that dislike and even disgust should be felt by the fortunate for the unfortunate (...) is not only natural, but desirable for any society, whether of man or brute. (Butler, 1872: 104)

Acredita na responsabilidade da sociedade sobre a delimitação dos seus direitos, nas convenções, tal como conclui: "property, marriage, the Law; as the bed to the river, so the rule and convention to the instinct" (Butler, 1872: 120). O ridículo da convenção acontece quando se quer ocultar sob a capa de outros ideais. O movimento da escrita processa-se como a vida do autor; por aproximação e afastamentos alternados, ou seja, aceitando a convenção e repudiando a hipocrisia e atavismo moral. É nesta oscilação que por vezes a potencialidade da sátira falha.

Uma nota mais sobre o nascimento e o ensino em *Erewhon*. As relações entre pais e filhos são bastante frias, sendo a causa apontada o facto de estes constituírem um encargo para os pais até uma idade tardia e, por isso, não darem valor ao esforço e ao trabalho. Além disso, o fardo económico que os pais carregam é demasiado oneroso na maioria dos casos. Deste modo, o infanticídio não é raro e a gravidez é considerada uma vergonha: "the strictest writers on morality have been maintained that it is wicked for a woman to have children at all" (Butler, 1872:131). Segundo estudos demográficos sobre a sociedade inglesa nos anos 70, constata-se uma acentuada quebra da taxa da natalidade, sobretudo nas classes alta e média. Esta quebra está directamente relacionada

com a crise económica que o país atravessava e que dificultava a vida dos casais. Assim, ter um filho significava mais despesas e um obstáculo à promoção da carreira profissional e à manutenção do mesmo nível de vida. A moralidade impunha um controlo severo sobre a natalidade conforme vemos reflectido em **Erewhon**.

Finalmente, no que diz respeito às universidades de *Erewhon*, evidencia-se a estagnação moral. O sistema educativo que promovem foi inventado há muito tempo:

Thus they are taught what is called the hypothetical language for many of their best years – a language which was originally composed at a time when the country was in a very different state of civilization to what it is at present, a state which has long since disappeared and been superseded. (Butler, 1872: 186)

Ultrapassados, ensinam somente lugares-comuns com o objectivo de desenvolverem as capacidades essenciais para uso diário. Fomenta a moralidade da elite, paralisada e gasta. Os estudantes que saem deste tipo de ensino são “earnest” e “conscientious”, ou seja, têm todas as possibilidades de se tornarem “high Ydgrunites”.

A descrição que o narrador faz das matérias e do seu estudo assume facetas verdadeiramente ridículas pela bizarra monotonia que é imposta. Os alunos têm de escrever um certo número de palavras, consideradas indispensáveis, sempre as mesmas, mas que são condição *sine qua non* para o bom resultado dos seus comentários ou ensaios; têm de seguir as opiniões dos mestres, pensar como eles e abster-se de quaisquer impulsos de originalidade. De tal modo que se obriga à conformidade que este sistema de ensino promove, a curto prazo, a atrofia das opiniões, facilmente evidenciadas nos artigos de opinião dos jornais. Recorde-se a observação de Carlyle em “**Signs of the Times**”, insurgindo-se contra as sistemáticas “reviews” que nada acrescentavam sobre as obras sobre as quais se debruçavam.

A sátira de “*The Colleges of Unreason*” atinge as universidades consagradas de Oxford e Cambridge cujo ensino está, no entender de Butler, exausto e necessitado de reformas. Intui-se em *Erewhon* que parte da responsabilidade por esta situação se deve a estas instituições que formam indivíduos que, mais tarde, vão controlar a opinião pública. Como afirma o Professor Thims (inversão de Smith):

‘We like progress’, he said, ‘but it must command itself to the common sense of people. (...) A man should remember that intellectual over-indulgence is one of the most insidious and disgraceful forms that excess can take’ (Butler, 1872: 191)

Samuel Butler denuncia, em **Erewhon**, a crise que a Igreja Estabelecida de Inglaterra atravessa no século XIX, uma situação que é central no debate cultural inglês. O conflito que afecta a Igreja, e que se manifesta já nos anos

30 com o aparecimento do movimento de Oxford, passa pela questionação das doutrinas impostas e a identidade institucional, numa altura em que a nova escola bíblica propunha novas interpretações e a ciência avançava com novas descobertas. Particularmente relacionada com Erewhon está *The Origin of Species* de Charles Darwin, publicada em 1859. Darwin acumula, nesta obra, algumas teorias que, até então, tinham sido sistematicamente refutadas, como por exemplo as polémicas lançadas por Robert Chambers ou Huxley. De modo inovador, tenta demonstrá-las com o auxílio de dados recolhidos durante uma viagem que efectuou a bordo do navio *Beagle* e que o levou a terras da América do Sul.

Basicamente, a teoria base de Darwin é a teoria da evolução, definida a partir da selecção natural e da luta pela sobrevivência. Esta tese é particularmente desagradável à Igreja, já que questiona o Génesis e, em última análise, a existência divina. Ao invés de Deus que cria as diversas espécies animais e vegetais e que as distribui sapientemente e, mais importante, cria o Homem à Sua semelhança, Darwin propõe uma evolução da vida na Terra, geológica e zoológicamente, de cuja história o Homem apenas conhece um fragmento. As espécies que conhece são as mesmas que existiam há milhões de anos, uma vez que sofreram processos de mutações múltiplas ao longo de gerações. As espécies actuais seriam espécies que tiveram possibilidades de resistir, enquanto que muitas outras sucumbiram por serem mais fracas e, por conseguinte, possuírem menos recursos para evoluir e sobreviver em condições adversas. A luta pela sobrevivência, envolvida neste processo, decorre de uma tendência crescente da taxa de natalidade, desproporcional às reais possibilidades que muitos seres orgânicos têm em sobreviver. É a aplicação de Lei de Malthus à vida da Terra e Darwin admite-a na sua obra. Embora Darwin não se refira especificamente à origem do Homem, este assunto não deixa de estar por implicação lógica. O Homem deixa de ser um ser tocado pelo sopro divino, tornando-se um '*homo sapiens*', ou seja, uma forma de vida animal superiormente desenvolvida face a outras formas de vida existentes e, tal como estas, motivada pela fome e pelo sexo. Altera-se radicalmente a relação entre Homem e Deus e confronta-se a criação com a evolução. O mundo é apresentado como produto de um mecanismo frio impelido por uma força "vaga" no universo e, no qual, a evolução não significa necessariamente progresso, o que é um golpe duro para o optimismo que efervescia na sociedade inglesa, particularmente a partir da Grande Exposição em 1851.

A única certeza é que tudo é relativo no universo e na sociedade. Desaparecem os absolutos inabaláveis e generaliza-se o cepticismo de que Butler é exemplo em *Erewhon*:

It is idle to say that men are not responsible for their misfortunes. What is responsibility? (...) who shall limit the right of society except society itself? (...) And, after all, justice is relative. (Butler, 1872: 120-122)

Apesar do movimento evangelista ter insuflado de vida a autoridade espiritual cristã enfraquecida, a verdade é que a tônica já não recai sobre a crença, mas sobre a experiência do Homem.

No que diz respeito a *Erewhon*, salienta-se a preocupação em definir como acreditar, tentando restaurar o significado do mundo, moralizando simultaneamente, a evolução como sintoma de progresso. Butler não nega a posição de Darwin; aliás, ele é bem claro sobre este assunto no prefácio de Junho de 1872. Nega apenas o que ela tem de amoral e vazio para as expectativas da sociedade inglesa. Coloca na evolução uma intenção deliberada. Observa-se a influência de Thomas Carlyle que ainda exerce sobre a segunda metade do século XIX, no que ele definiu ser o "Everlasting No", mencionado ocasionalmente em *Erewhon*. Segundo Richard Altick:

The later victorians as a group were men and women of remarkable moral resolution. Living in a wasteland strown with blasted articles of faith, they carried on, with spirit and confidence. What they lost in intellectual assurance and emotional comfort, they compensated for in sheer strength of will. (Altick, 1973: 237)

Assim, a refutação à proposta de Darwin salienta-se em diversos capítulos, entre os quais destaco "*Birth Formulae*". De forma irónica, o narrador comenta aspectos da mitologia sustentada pelos Erewhonianos, no que toca ao nascimento. Credo na preexistência autónoma da vida terrena, os Erewhonianos consideram que o nascimento se processa mediante um acordo prévio com o futuro ser, em que à laia de contrato ("*Formulae*"), este é responsabilizado por todos os males e deficiências que vier a ter em vida e que o sujeitam às leis do país que as condena. Quando se assina o contrato pré-natal, bebe-se uma poção que destrói quer o sentido da identidade do pré-nascido quer a sua memória. Desta maneira, o indivíduo, ao nascer, é indefeso e dotado somente de instinto.

Esta linha de pensamento suscita alguns comentários. Por um lado, ao afirmar uma vivência anterior à vida terrena, Butler recusa o que a ciência parece querer demonstrar: a evolução natural desapaixonada, sujeita a investigações científicas. O Homem possui algo que, no entender de Butler, é inviolável:

(...) he becomes a bare vital principal, not to be perceived by human senses, nor to be by any chemical test appreciated. He has but one instinct (...) to go to such and such a place. (Butler, 1872: 173)

É nesta convicção que se sente que Butler herdou os testemunhos de Carlyle, bem como de Wordsworth, num período mais anterior. São pensadores

que recusam a simplicidade da estrutura humana que muitos insistem em caracterizar, acentuando a espiritualidade do seu cerne. Por outro lado, afirma-se ser próprio do Homem a vontade própria:

Remember also, that if you go into the world you will have free will; that you will be obliged to have it; that there is no escaping it; that you will be fettered to it during your whole life, and must on every occasion do that which on the whole seems best to you at any given time, no matter whether you are right or wrong in choosing it. (Butler, 1872: 171)

68

Lembrado a oposição Carlyliana entre *'free will'* e *'necessity'*, os Erewhonianos – e, por extensão, os ingleses – nascem com a vontade que lhes é inata. Sendo uma capacidade intrínseca, elas devem usá-la e desenvolvê-la. Contudo, a prática quotidiana conforma-os a valores que a sufocam. No texto, a devoção à deusa Ydgrun e na sociedade inglesa a voracidade pelo poder económico avaliam o certo e o errado dos impulsos humanos, frutos da vontade própria. É o constante desafio da necessidade dos valores da classe média impostos à natureza humana.

Se Butler ataca Darwin quando a evolução se pode prestar a conclusões frustrantes para o Homem, ele aproveita a selecção natural no que ele tem de construtivo para a vida. *Erewhon* defende a selecção natural no sentido em que ela significa como medida de preservação do Homem. Tendo em conta o conhecimento relativo que o Homem tem de si próprio quer anterior quer posterior, a selecção natural favorece o Homem para que ele não pretenda saber demasiado sobre si mesmo, já que o conhecimento pode ser nocivo para a evolução:

(...) for the future is there as much as the past, only that we may not see it. Is it not in the loins of the past, and must not the past alter before the future can do so?

(...) they say there was a race of men tried upon the earth once, who knew the future better than the past, but they died (...). from misery which their knowledge caused them (Butler, 1872: 168)

Esta raça de homens recorda as acusações que Carlyle promove em "*Signs of the Times*". O povo inglês, julgando saber prever o futuro, proclama continuamente o *'state in danger'*, ao mesmo tempo que, enlouquecido pelo desespero e raiva, desencadeia tumultos, conspirações que recaem sobre si mesmo. Assim, o tempo é definido em *Erewhon* como um fluxo contínuo cujo conhecimento nunca é absoluto, mas relativo – como tudo em *Erewhon* – e o dever do Homem é integrar-se nesse fluxo pacificamente.

Finalmente, proponho a reflexão sobre um aspecto não menos importante do que os anteriores e que integra Samuel Butler no debate cultural do

século XIX. Refiro-me especificamente aos três capítulos que compõem "*Book of the Machines*". Compara-se, em *Erewhon*, o Homem à máquina como se de duas entidades se tratassem. Até o que, a princípio, pareceria dividi-los – o uso da consciência, é questionado ao ponto de se admitir que ela está presente nas máquinas. Pela boca de um filósofo antigo Erewhoniano, estabelece-se, como em *The Origin of Species*, uma linha evolutiva que permite concluir que houve um processo mutativo ao longo de gerações e que é possível sistematizar as máquinas em géneros e espécies. Espera-se do leitor uma reacção de incredulidade e riso devido ao absurdo tentado. O que subjaz a *Erewhon* é mais do que a composição de uma situação de *nonsense*. O *nonsense* revela-nos, por um lado, que a sinonímia entre Homem e máquina é absurda porque o Homem tem características inerentes que o distanciam permanentemente da máquina; por outro lado, o modo como as pessoas aderem cegamente às máximas que são por vezes ditas por pessoas que incutem respeito, como filósofos ou políticos, sem nunca as questionarem. A teoria do filósofo - que concluía num apelo para se destruírem as máquinas já que, tendo as mesmas potencialidades que o Homem, poderiam conquistar um poder incalculável – nunca tinha sido questionada, salvo por um outro filósofo menor. Embalados pelo medo irracional, os Erewhonianos destruíram as máquinas que existiam no seu país e prendem o narrador por possuir um relógio. Não sentem os efeitos nocivos das máquinas, mas destroem por tradição, por medo de desafiar um tabu. Da mesma forma que os aborígenes não ousavam passar além da cordilheira montanhosa porque era tabu – embora não soubessem explicar o perigo – também os Erewhonianos, um povo mais desenvolvido do que os aborígenes, se recusavam a utilizar qualquer máquina porque tradicionalmente ela estava ligada à catástrofe e ao castigo. No fundo o que *Erewhon* nos quer dizer sobre o Homem, em geral, e sobre a sociedade inglesa, em particular, é que o progresso industrial por si não é prejudicial para a raça humana. É o próprio Homem que constrói o perigo da máquina quando assume atitudes radicais e não sabe usufruir das suas vantagens e manter a sua integridade humana simultaneamente.

Consideradas as temáticas discutidas em *Erewhon*, termino a abordagem a esta obra. Através de uma técnica semelhante ao reflexo do espelho, Butler oscila em apresentar Erewhon como a terra do absurdo e como lugar aprazível. A escrita alterna em utopia e distopia. Contudo é nesta oscilação que reside o que, afinal, parece ser a proposta de Butler, integrada no panorama cultural vitoriano. Na censura a facetas da moralidade da classe média inglesa e na crença na potencialidade humana, para além do seu nível meramente superficial, Butler tenta restaurar a confiança no progresso do Homem, um tanto abalada, concentrando-a na actividade do espírito humano, a fonte de felicidade. Inserindo este ideal no meio social, articula-se a cultura com as necessidades sociais. É neste ponto que frequentemente se acusa o fracasso da arte da sátira de Butler, mas também é com esta

atitude que este autor confronta as verdadeiras complexidades do mundo vitoriano:

Actually Erewhon is not (...) an indictment of middle class English life but a representation of a complex of attitudes towards it, articulated in styles ranging from the burlesque to straightforward didacticism. (Ford, 1969:341)

70

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Altick, R. (1973) *Victorian People and Ideas*. New York: W.W.Norton Co
- Butler, S. (1872) *Erewhon*. Harmondsworth: Penguin Classics, 1985
- Carroll, L. (1871) *Through the Looking-Glass*. In Martin Gardner (ed) *The Annotated Alice – Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass*. Harmondsworth: Penguin Books, 1965.
- Ford (ed) (1961). *Victorian Fiction: A Second Guide to Research*. In Arthur Pollard (ed). *The Victorians*. London: Sphere Books.